



# INFLUÊNCIA DA SALIÊNCIA FÔNICA NO PROCESSO DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS FALADO NA ZONA RURAL DE SANTA LEOPOLDINA-ES

Lays de Oliveira Joel Lopes<sup>1</sup>; Marta Maria Pereira Scherre<sup>2</sup>

<sup>1</sup> UFES - Vitória – Espírito Santo – Brasil. 29136.013

<sup>2</sup> UFES - Vitória – Espírito Santo – Brasil. 29.075.910

[laysjlopes@gmail.com](mailto:laysjlopes@gmail.com); [mscherre@gmail.com](mailto:mscherre@gmail.com)

## RESUMO

Baseados nos pressupostos da Teoria da Variação (Labov, 2008)<sup>[1]</sup>, analisamos o processo de concordância nominal no português falado na área rural de Santa Leopoldina-ES. Neste trabalho, vamos nos restringir à observação do efeito da saliência fônica na manifestação desse fenômeno na fala leopoldinense. Posteriormente, compararemos nossos resultados aos obtidos em pesquisas realizadas nas áreas urbanas do Rio de Janeiro, com dados dos anos 1980 e 2000 (Scherre, 1988<sup>[2]</sup>, Scherre & Naro, 2006<sup>[3]</sup>, respectivamente), e de Vitória, com dados de 2000 (Silva, 2011)<sup>[4]</sup>. Em nossa análise, utilizamos como ferramenta estatística o programa GOLDVARB X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005)<sup>[5]</sup>, apropriado para análise de fenômenos variáveis.

## 1. INTRODUÇÃO

A Teoria da Variação entende que a língua é um fator social, uma vez que é “a linguagem o instrumento que as pessoas usam para se comunicar umas com os outras na vida cotidiana” (Labov, 2007, p. 01– tradução nossa<sup>[6]</sup>). Nesse contexto se faz interessante evidenciar que o caráter social da língua fora observado já nos estudos saussurianos, como podemos constatar em Saussure (1995 [1916])<sup>[7]</sup>. É válido destacar que os estruturalistas percebem a língua como algo pertencente à comunidade, contudo, optam por não incluir o social em seus estudos. Em certo ponto, esse recorte saussuriano é contraditório, como destaca Labov (2008, p. 218).

Diante disso, percebeu-se a necessidade de integrar fatores sociais a análises linguísticas. Com essa postura, torna-se evidente o reconhecimento do caráter heterogêneo da língua e a possibilidade de sistematização da variação, como destacam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 107)<sup>[8]</sup>.

Fundamentadas nessa proposta de estudo, dispusemo-nos a analisar o fenômeno variável de concordância nominal, doravante CN, na comunidade rural de Santa Leopoldina. Neste trabalho, vamos nos restringir à observação do efeito da variável saliência fônica em relação a esse fenômeno. Nosso objetivo é comparar nossos resultados aos observados por Scherre (1988) e Scherre e Naro (2006), no português falado no Rio de Janeiro para percebermos as semelhanças e discrepâncias que circundam o falar leopoldinense e carioca. Além disso, para termos uma visão desse processo no cenário espírito-santense, compararemos nossos resultados aos de Silva (2011)<sup>[6]</sup>, em estudo realizado a partir da fala de moradores de Vitória.

## 2. O PORTUGUÊS FALADO EM SANTA LEOPOLDINA

Nossa amostra é constituída de entrevistas de 50 a 60 minutos de duração. Neste momento, contamos com 32 informantes estratificados da seguinte maneira: gênero/sexo – masculino e feminino; escolaridade – ensino fundamental 1 e 2; faixa etária – 7-14, 15-25, 26-49 e maiores de 49 anos, como pode ser observado na tabela 01.

Tabela 01: Estratificação social dos informantes

(idade)	07-14		15-25		26-49		50-...		Total
	F	M	F	M	F	M	F	M	
Fund. I	2	2	2	1	2	2	2	2	15
Fund. II	2	2	2	3	2	2	2	2	17

Para seleção de nossos entrevistados, adotamos alguns critérios: o falante deveria (i) ser natural de Santa Leopoldina; (ii) ser residente em zonas rurais do município; além disso (iii) não poderia ter se afastado da região por mais de um terço de suas vidas; (iv) deveria ser filho de pais leopoldinenses e (v) não falar outra língua, além do português.

### 2.1 Por que Santa Leopoldina?

Nossa opção por Santa Leopoldina justifica-se por ser esse o município com maior contingente percentual de habitantes em zona rural, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>[9]</sup>, obtidos por meio do censo de 2010. Segundo o IBGE, 78,5% dos leopoldinenses habitam em área rural. Esse fato motivou

nosso objetivo de comparar nossos resultados com os encontrados em Vitória (ES), uma vez que a capital é o único município capixaba com 100% de sua população em área urbana, ainda segundo dados do censo de 2010, do IBGE.

De acordo com dados de 2011, divulgados pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper)<sup>[10]</sup>, o município de Santa Leopoldina encontra-se afastado cerca de 46 quilômetros da capital. Contudo, essa distância é acentuada pelos aspectos físicos do município de Santa Leopoldina, que possui uma área “muito montanhosa, coberta de densa vegetação cheia de vales apertados, havendo maiores planícies, na região próxima ao mar, em altitude baixa” (SCHMARZ, 1992, p. 15)<sup>[11]</sup>. Esse fato, talvez, possa motivar o surgimento de particularidades no português leopoldinense em relação ao falar capixaba. Além disso, o contato físico dos moradores rurais leopoldinense com os da capital é muito esporádico, exceto por parte de alguns agricultores que comercializam semanal ou quinzenalmente produtos na Central de Abastecimento do Espírito Santo (CEASA). Ainda nesse caso específico, o contato dos agricultores restringe-se aos comerciantes da CEASA e outros leopoldinenses que vêm a capital com o mesmo objetivo de comercialização de produtos agrícolas.

### 3. CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO: O FENÔMENO

O fenômeno linguístico analisado é a presença ou a ausência da marca de número nos sintagmas nominais, por meio de uma *análise atomística*, nos termos de Scherre (1988). Esse método de pesquisa considera cada vocábulo do sintagma como um elemento de análise.

Em Scherre e Naro (2006) é apresentada a variável saliência fônica de forma binária [+ saliente] e [- saliente]. Neste artigo, para fins de comparação, adotamos essa mesma forma de categorização dos termos. Antes, contudo, de apresentarmos nossos resultados, é válido dissertar acerca do Princípio da Saliência.

Scherre (1988, p. 64), parafraseando Lemle e Naro (1976), esclarece que o Princípio da Saliência Fônica “consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes”. Observemos, então, os critérios adotados para essa subcategorização.

Segundo Naro e Scherre (2006, p.113) os itens nominais de traço [- saliente] “exibem apenas a inserção de uma marca explícita de plural {S} em sílaba não-acentuada [...] ou são monossílabos de uso átono”. Em nossos dados temos:

[1] até AS CRIANÇAS pode ajudar né? - (Cel 27 fem fund2 33anos).

Dessa forma, em nosso exemplo evidenciado acima, podemos notar que, na passagem de singular para plural, o item *criança* sofre pouca alteração em seu material fônico, há apenas o acréscimo do morfema plural -s em sílaba não tônica. Dessa forma, os itens regulares foram classificados como *menos salientes*. Fato semelhante ocorre com o artigo *as*.

Quanto aos itens [+ salientes], Scherre e Naro (2006, p.113) postulam que esses “exibem acento na sílaba que recebe a marca explícita de plural [...] ou são monossílabos

de uso tônico [...] ou evidenciam plural bimorfêmico”. Observe o exemplo [2]:

[2] a diretora gosta que a gente sai pra conhecer NOVOS LUGARES... (Cel 05 fem fund2 12anos)

Para formação do plural de *novos*, a palavra singular sobre grande alteração fônica, pois, além do acréscimo de -s, esse termo é um plural metafônico ou bimorfêmico, ou seja, sofre mudança de timbre na vogal tônica (CARVALHO, 2007, p. 173)<sup>[12]</sup>. Considera-se que o termo *lugares* também sofre grande alteração, pois há o acréscimo de -es. Assim, segundo nossa classificação, os termos *novos* e *lugares* foram classificados como *mais salientes*.

Scherre (1988) confirmou sua hipótese de que os oxítonos e monossílabos tônicos favorecem mais a concordância que os paroxítonos e proparoxítonos, pelo fato de aqueles “terem acento na sílaba que vai receber o morfema de plural” (p. 74). Diante disso, esclarecemos que, em nossa análise, optamos por classificar os vocábulos oxítonos como [+ salientes], enquanto os paroxítonos e proparoxítonos recebem a classificação de [- salientes]. Ressalta-se que essa metodologia de análise foi adotada por Scherre e Naro (2006) e Silva (2011), com os quais faremos nosso estudo comparativo.

### 3.1 Nossos resultados

Para codificação e análise estatística de nossos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Segundo Scherre e Naro (2005), o GoldVarb X - versão dos programas *Varbrul* para o ambiente Windows - objetiva “medir o efeito de cada variável independente estipulada na análise, bem como verificar a significância estatística das variáveis em jogo” (SCHERRE & NARO, 2010, p. 74)<sup>[13]</sup>. Os valores são gerados em forma de porcentagem em relação à frequência de ocorrência do fenômeno variável e do fator. Além disso, o programa fornece os chamados *pesos relativos*, que são “um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto” (GUY & ZILLES, 2007, p. 239)<sup>[14]</sup>.

Em nossa análise, percebemos que nossos dados seguem a mesma tendência dos obtidos no Rio de Janeiro (1980 e 2000) e em Vitória (2000). Além disso, assim como nesses estudos citados, a variável saliência fônica foi considerada estatisticamente significativa.

A tabela 02 traz os resultados das seguintes pesquisas: Scherre (1988) com dados do Rio de Janeiro da década de 1980; Scherre e Naro (2006, p.114) com dados do Rio dos anos 1980 e 2000; Silva (2011) com dados de Vitória obtidos também na década de 2000; e, por fim, nossos dados de Santa Leopoldina, obtidos nos anos de 2012/13. Observe:

Tabela 02: Efeitos comparativos para o Rio (1980 e 2000), Vitória (Vix) (00) e Santa Leopoldina (SL) (2012/2013)

Rio 1980	Rio 2000	Vix 2000	SL/12 e 2013
Peso relativo	Peso relativo	Peso relativo	Peso relativo

+ saliente	0,83	0,83	0,61	0,66
- saliente	0,45	0,45	0,48	0,48
Range	38	38	13	18

Essa análise binária nos permite evidenciar que, com relação ao efeito da saliência fônica, os resultados de Santa Leopoldina aproximam-se mais dos obtidos para a capital capixaba que os observados para a capital carioca. É interessante observar a diferença no *range* obtidos nessas diferentes regiões, por meio dessa variável.

Segundo Tagliamonte (2006)<sup>[15]</sup>, a força de uma variável é mensurada pelo *range*, que é calculado subtraindo-se o menor do maior peso relativo entre os fatores da variável na análise. Assim: “Quando estes números são comparados em cada um dos grupos de fatores de uma análise, os números mais elevados identificam a restrição mais forte” (p. 242)<sup>ii</sup>. Diante disso, entendemos, através do *range*, que essa variável opera com mais força na região urbana do Rio de Janeiro 1980 e 2000. Em solo espírito-santense, a força da saliência é mais amena, sendo 13 pontos em Vitória, e 18 na zona rural de Santa Leopoldina. Feita essa constatação, pareceu-nos interessante perceber o efeito da saliência fônica no falar leopoldinense de forma mais aprofundada. Para tanto, propomos uma recodificação mais detalhada dessa variável, à luz de Scherre (1988, p.64-145):

Tabela 03: Codificação detalhada da variável Saliência Fônica nos dados de Santa Leopoldina/2012-13

Fatores analisados	Exemplos
Duplos (oxítonos e paroxítonos)	eles bota os OVINHOS e faz assim o ninho... (Cel 01 fem fund1 8anos)
-l (oxítono ou paroxítono);	é uma das PRINCIPAIS causas o acesso ... pra o para o turismo... (Cel 46 fem fund2 53anos)
-l na palavra REAL	cada secador custa setecentos REAL. (Cel 07 masc fund1 12 anos)
-ão (oxítono);	a gente aprendeu isso...falar as TRADUÇÕES. (Célula 06 fem fund2 11anos)
-R (oxítono ou paroxítono);	a diretora gosta que a gente sai pra conhecer novos LUGARES. (Cel 05 fem fund2 12anos)
-S (oxítono);	não completei a quarta série lá... faltando alguns MESES eu pa/abandonei. (Cel 31 masc fund1 40 anos)
Regular oxítono	ele tá lá nos CAFÉ. (Cel 01 fem fund1 8anos)
Regular proparoxítono	no caso você tem que pagar os... como é que chama... os REPÚBLICA... (Cel 28 fem fund2 45anos)
Regular paroxítono	Ah..nós brincava assim de queimada [...] ia pros CAMPO lá... (Cel 15 fem fund2 22anos)

Nessa nova recodificação, obtivemos os resultados expostos na tabela 04. Podemos observar que todos os termos que sofrem grandes alterações fônicas, ou seja, os

itens mais salientes favorecem a marcação de plural, o que corrobora a hipótese de Scherre (1988). Nessa atual configuração de nossos resultados, chamam-nos atenção os dados terminados em *-l* em comparação com as ocorrências da palavra *real*. Orientados pelos viés morfológico de análise, poderíamos pensar que esses dois fatores deveriam ter um comportamento parecido, uma vez que a passagem de singular para plural se faz da mesma maneira, ou seja, com a eliminação do *-l* final e acréscimo do morfema plural *-is*. Contudo, observa-se que o vocábulo *real*, embora favoreça a concordância assim como os termos em *-l*, o faz com menos frequência e possui peso relativo menor. Isto será estudado futuramente à luz do papel da frequência lexical.

Tabela 04: Efeito da Saliência Fônica detalhada no português falado em Santa Leopoldina

Fatores Analisados	SL 2012/13 (Lopes e Scherre, 2013)	
	Frequência	Peso relativo
Duplo: paroxítono (porco/porcos)	16/36= 44.4 %	0.693
l: oxítono (animal/animais)	29/54= 53.7%	0.846
l: na palavra REAL	14/30= 46.7%	0.696
ão: oxítono (oração/orações)	12/42= 28.6%	0.578
R: oxítono (flor/flores)	51/128= 72.5%	0.629
S: oxítono (mês / meses)	86/162= 53.1%	0.718
Reg. oxítono (café/café)	211/291= 72.5%	0.637
Reg. proparoxítono (único/únicos)	42/118= 35,6%	0.538
Reg. paroxítono (perna/pernas)	3308/5273= 62,7%	0.437
<i>Total de dados</i>	<i>3760/6134= 61,4%</i>	

Ainda com base nos resultados apresentados na tabela 04, destacamos os vocábulos terminados em *-ão* como itens que merecem uma reflexão com mais afinco. Note que o peso relativo desses termos é 0,578, o menor de todos os pesos dos itens analisados como mais salientes. Esse resultado não nos surpreende, pois também corrobora com as contribuições de Scherre (1988, p. 123). A autora destaca que, como a gramática tradicional postula três formas diferentes de pluralização dos itens em *-ão* (*-ãos*, *-ães*, *-ões*), o falante opta por não pluralizar esses termos, em virtude da incerteza de qual das formas seria a mais apropriada. Assim, as formas plurais regulares “cedem a vez à forma singular, apesar da saliência” (p. 124). Essa hipótese se aplicaria “a todos os casos de ausência de marca nos nomes irregulares em *-ão*” (p. 124). Isso nos faz “imaginar que esteja ocorrendo um processo de regularização, e, uma vez que os itens são regularizados, eles são pouco marcados, como todo e qualquer regular” (p. 124).

No caso dos regulares, percebemos que os itens oxítonos favorecem mais a marcação de plural, o que pode ser

justificado pela ideia de Scherre (1988), já citada, que esses termos são mais salientes pelo fato da sílaba que recebe a marca ser a tônica, o que torna a não marcação mais perceptível aos ouvidos do interlocutor. Seguindo essa lógica, poderíamos pensar que deveria haver uma ordem de saliência diretamente proporcional entre a proximidade da tônica e a sílaba que recebe a marcação. Contrariamente a isso, nossos resultados apontam para um relativo favorecimento da aplicação da regra pelos proparoxítonos, com 0,538 - embora esse resultado seja bem próximo do ponto neutro (0,50). Por outro lado, os termos paroxítonos desfavorecem a marcação de plural com 0,437. A esse respeito, Scherre (1988) afirma que os termos oxítonos e proparoxítonos “são itens marcados na língua portuguesa, que é constituída predominantemente de palavras paroxítonas” (p. 90). Neste viés de análise, os itens oxítonos e proparoxítonos deve ser considerados também como mais salientes. Dessa forma, os vocábulos oxítonos são mais marcados em decorrência de sua tonicidade e frequência na língua; enquanto os proparoxítonos, em virtude de seu menor número na língua.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos observar que a variável *saliência fônica* é imprescindível para o entendimento do processo de concordância nominal, uma vez que essa variável foi estatisticamente significativa nos quatro estudos aqui apontados: Rio de Janeiro (80 e 00) – de Scherre (1988) e Scherre e Naro (2006), respectivamente; Vitória (00) – de Silva (2012); Santa Leopoldina (12/13) – Lopes e Scherre (2013). Além disso, nessas três regiões notou-se que os termos mais salientes, de forma geral, favorecem mais a marca de plural.

Ressaltamos também que efeito da tonicidade não deve ser descartado, uma vez que nossos resultados atestam que os termos oxítonos favorecem o uso da marca de plural do que os paroxítonos, o que confirma a hipótese de Scherre (1988). Quanto aos proparoxítonos, consideramos possível uma reanálise desses termos, quanto às classificações [-saliente] e [+saliente], em decorrência de sua baixa frequência no português brasileiro.

Entendemos que ainda há um caminho árduo e longo a ser percorrido e que pretendemos encontrar mais respostas para os resultados obtidos em Santa Leopoldina/ES. Contudo, neste momento, diante de nossos atuais resultados, podemos confirmar que os vocábulos mais salientes são mais suscetíveis a receber a marca de plural, como destacam Scherre (1988) e Scherre & Naro (2006).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008. (Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso)
- [2] SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988. Em dois volumes, com 555p. Inédito
- [3] SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. *Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.9, n.18, 1<sup>o</sup>. Sem. 2006, p.107-129.
- [4] SILVA, Janaína Biancardi. *Uma reflexão sobre a concordância nominal na fala capixaba e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa*. Trabalho de Conclusão de Curso, Ufes, Vitória, 2011.
- [5] SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Elen. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref). Acesso em: 28/06/2012.
- [6] LABOV, William. *Sociolinguistics: an interview with William Labov*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 11/10/2012.
- [7] SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1995.
- [8] WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006. (Tradução de Marcos Bagno).
- [9] IBGE. Censo Demográfico 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Cidades – Santa Leopoldina. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320450#>. Acesso em: 25/02/2013.
- [10] PROGRAMA de assistência técnica e extensão rural PROATER 2011-2013. Santa Leopoldina. Planejamento e programação de ações (2011). Disponível em: [http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Centro\\_cerrano/Santa\\_Leopoldina.pdf](http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Centro_cerrano/Santa_Leopoldina.pdf). Acesso em 25/02/2013.
- [11] SCHWARZ, F. O. *O município de Santa Leopoldina*. Vitória: [s.n.], 1992.
- [12] CARVALHO, José Augusto. *Gramática superior da língua portuguesa*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.
- [13] SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony J. *Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal*. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010, p.71-77.
- [14] GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa - instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- [15] TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing Sociolinguistic Variation: key topics in sociolinguistics*. 3<sup>a</sup> ed. New York: Cambridge University Press, 2009.

<sup>i</sup> No original: “It’s language, the instrument that people use to communicate with each other in every-day life. That’s the object that is the target of the work on linguistic change and variation” (Labov, 2007, p. 01).

<sup>ii</sup> No original: “When these numbers are compared for each of the factor groups in an analysis, the highest number (i.e range) identifies the strongest constraint” (Tagliamonte, 2006, p. 242).